

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quamabara

DATA: 06/02/1960 AUTOR: Mário Pedrosa

TÍTULO: A seleção para Veneza

ASSUNTO: Ivan Serpa entre os mestres aceitos

*Jornal do Brasil 6-2-1960*

## ARTES VISUAIS

# A seleção para Veneza

Mário Pedrosa

Não vamos protestar contra a seleção de artistas brasileiros para a Bienal de Veneza, por dois motivos: é pueril protestar, e raramente uma representação coletiva deixa de apresentar falhas. Desta vez, a enorme e heteroclita comissão selecionadora quis, ao que parece, evitar o defeito capital do ecletismo. Mas não escapou ao segundo defeito capital — a qualidade das obras escolhidas.

A primeira vista, parece ter a comissão pretendido concentrar sua escolha apenas nos pintores. Mas eis que surge a exceção de um escultor, que não peca, aliás, pela coerência e, embora presente na última Bienal paulista, não mereceu a atenção do júri estrangeiro de premiação. Qual o motivo, pois, para a exceção? Quanto aos pintores, estava evidentemente na base da escolha a intenção por parte da comissão de ficar dentro da tendência, ora na moda, ou o chamado *tachismo* ou *informal*. Houve, claramente, por parte dos selecionadores, a intenção de mostrar à estranja que o Brasil também tinha os seus *tachistas* e *informais*, acompanhando, assim, de perto o último modelo europeu em tudo, e não somente no figurino. As pressas, arrebanharam alguns pintores jovens, talvez promissores, mas que apenas começavam a se exercer na nova escola, adicionando-lhes outros menos jovens, mas que já experimentaram todas as escolas, até o *geometrismo concretista* (ainda na penúltima Bienal paulista) e o *realismo socialista*. Esses cavalos cansados pararam (até quando?), à cata de sucesso, na moda do *informal*.

Na verdade, na representação se constata, não foi ainda naturalizada o único pintor seguro da *Escola de Paris*. E pararia de seus meios e que se pode chamar aqui na lista escolhida pela comissão, acrescentado, porém, Manabu Mabe. Mas mesmo Mabe, porém, Tanaka, por ser, com efeito, o que ambiciona no fundo de sua personalidade é chegar a uma apurada qualidade pictórica de matéria e fatura que não se coaduna bem com a estética do *tachismo* ou *informalismo*. Disso sou testemunha, pois que me confessou, em minha casa, diante de uma tela de Morandi, que positivamente encantou, entre outros quadros a vista: "é a essa qualidade, a essa beleza de pintura que quero chegar" disse, em tom convicto, o jovem pintor vitorioso.

Outro artista que está em seu lugar na lista é Antônio Bandeira, hoje, nessa demissão crítica e teórica generalizada — tafunado também na designação da moda. Ora, o que sempre foi ele, desde que pela primeira vez, em Paris, em 1947, frequentou Wols, foi um abstrato que nunca se afastou das reminiscências figurativas conscientes, partindo sempre de um tema ou motivo dado, como, por exemplo, o da Cidade. Suas afinidades eram com Vieira da Silva, que também frequentou Wols.

Hoje, porém, sob a rubrica *tachista* ou *informal* entra tudo, bastando para tanto que não haja num quadro nem formas de nítidos contornos, nem linhas regulares, estéticos que envolveram ou enchem planos coordenados. Sob tal critério até o *geometrismo concretista* de Max Bill poderia ser incluído no bôlo *tachista*. Seja, porém, como for, Bandeira, por sua bagagem, por sua personalidade já definida, representa uma tendência lírica real na evolução de nossa pintura atenuante. É tipicamente pintor brasileiro, apesar de longa convivência em Paris (ao que

Discordamos, porém, de Tanaka que reclama também contra a exclusão de Krajeberg. Ora, este sou por aqui como uma ave migratória. Após uns curtos anos, teve êxito, ganhou o prêmio de melhor pintor brasileiro na Bienal paulista, e bateu asas para instalar-se em Paris, onde faz uma pintura tipicamente cosmopolita, com algum sotaque nórdico. Nada deve ela ao Brasil: nem à sua natureza, nem ao meio em que viveu por algum tempo, nem sequer reflete os problemas culturais, sociais e estéticos que envolveram ou enchem planos coordenados. Sob tal critério até o *geometrismo concretista* de Max Bill poderia ser incluído no bôlo *tachista*. Seja, porém, como for, Bandeira, por sua bagagem, por sua personalidade já definida, representa uma tendência lírica real na evolução de nossa pintura atenuante. É tipicamente pintor brasileiro, apesar de longa convivência em Paris (ao que

instituto de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

ânea